

Reflexões sobre o ensino da História da Língua, com especial atenção às línguas alemã e inglesa

FRANCISCO M. C. DO ESPÍRITO SANTO
(Universidade de Aveiro)

Pretendo, com esta comunicação, apresentar algumas das minhas reflexões no âmbito do ensino da Linguística Alemã (e, em parte, também da Linguística Inglesa), no que respeita à História da Língua.

Este processo de reflexão consistiu, durante algum tempo, principalmente, num acumular de impressões (nem sempre exclusivas da Linguística Alemã), que foram ganhando contornos mais definidos à medida que eu próprio ia aprendendo e adquirindo experiência, tanto na qualidade de estudante, como no decurso da minha actividade de investigador e docente. Esta reflexão sobre as questões e os problemas relacionados com o ensino da Linguística Alemã – em particular, da História da Língua Alemã – foi intensificada quando, ao optar por esta especialidade (tanto na investigação como na docência, e já lá vão alguns anos...), fui alvo de diversas críticas a respeito da opção por mim feita.

Aparentemente, a Linguística Histórica seria, neste final do séc. XX, uma anacronia, completamente desfasada das tendências modernas da Linguística. A Linguística seria, já de si, uma cadeira tão difícil, que a inclusão da perspectiva diacrónica, além de desnecessária, a tornaria quase inacessível – e ainda por cima numa língua como a alemã!¹

Este tipo de postura e de atitude, que muitos decerto já terão ouvido amiúde, é por demais sintomático. Por outras palavras: a História da Língua (em que saliento os estudos medievais, com todos os preconceitos que existem – e persistem – relativamente à Idade Média) é vista como algo de distante, “exótico”, inútil e de uma dificuldade quase insuperável.

As causas são simultaneamente exógenas (de origem parcialmente político-ideológica e sociológica) e endógenas (com origem, sobretudo, em comportamentos errados). Desde os finais da II Grande Guerra – em particular, desde os anos 60 e 70 – que tem sido dada uma prioridade quase absoluta (há uma ou

outra excepção pontual, que apenas serve para confirmar a regra) a uma visão exclusivamente sincrónica do ensino da Linguística Alemã, em que a inclusão de dados e/ou exercícios relacionados com a História da Língua se tornou num autêntico tabu. Esta tendência é especialmente aplicável, dentro da Alemanha (ou melhor, do espaço linguístico alemão), às chamadas universidades novas e às “Escolas Superiores Integradas” e, em Portugal, à maioria das universidades portuguesas.

Esta preferência, hoje ainda predominante, por uma abordagem exclusivamente sincrónica ignora, ou esquece, que a Língua é um diassistema dinâmico e histórico, que só pode ser totalmente entendido e explicado no seu devir histórico. É a compreensão da mudança linguística que nos permite – ou nos ajuda a – entender e explicar cabalmente manifestações estruturais modernas, e passo a referir diversos exemplos, começando pela língua inglesa:

- o {r} em *children* deverá ser explicado como um mero ‘morfema vazio’ (solução aparentemente mais fácil) ou tratar-se-á de um vestígio da forma germânica de plural {er} (que, tal como o comparativo de superioridade, contém a ideia de “mais”)?

- a alternância /s, z/ ~ /r/: p. ex. alemão moderno *war* (mas: alemão medieval *was*) ~ inglês moderno *was*, também alemão moderno *Hase* ~ inglês moderno *hare*, com origem em pie. *kásō- “pardo, cinzento...”, tendo esta palavra, depois, evoluído em dois sentidos diferentes:

- a) pgerm. *hásan- > alemão antigo *haso* > alemão moderno *Hase* (<s> inter-vocálico : [z], em contexto final [s]), holandês *haas*;

- b) pgerm. *hazán- > (rotacismo) germ. *haran* > nórdico antigo *heri*, inglês/ sueco/ dinamarquês *hare*

(cf. Suécia - Schweden/Sweden/Suède - Sverige, inglês antigo *sweþel* “ligadura?”);

- o fenómeno do ‘ensurdecimento final’, como em *elf* ~ *elfer* ([f ~ v] => /F/, cf. inglês *eleven*, mas também em pares de palavras como *house* ~ *houses*, *wife* ~ *wives*, *knife* ~ *knives* e *mouth* ~ *mouths*, geralmente definidos simplesmente como possuindo ‘alomorfes irregulares’ (de condicionamento fonológico);

- o diferente percurso dos fonemas resultantes da “1.ª Mutaçāo Consonāntica” de /t/, p. ex.:

- a) pie. *bhrāter > germ. (= ingl. ant.) *brōþar* > alemão ant. *bruodar* > alemão mod. *Bruder* ;

- b) pie. *patēr > pgerm. *faðar > nórd. ant. *faðir > ingl. mod. *father*, cf. alemão ant. *fater* > alemão mod. *Vater*.

Quanto à explicação das diferentes pronúncias destas e de palavras² como, em alemão, *Hannóver* [f] ~ *Hannoveráner* [v], *Nérven* [f] ~ *nervós* [v], ou, na língua inglesa, *éxecute* [ks] ~ *execútor* [gz], *exhíbit* [gz] ~ *exhibítion* [ks], em português *fáça* [s] ~ *fizésse* [z], em francês *fásse* [s] ~ *faisións* [z], é, em meu entender, muito mais correcto e próprio (embo-

ra, sem dúvida, menos cómodo...) referir e explicitar estes fenómenos aos nossos alunos, explanando os seguintes processos evolutivos neles presentes:

- 'leis de Grimm' (1.^a e 2.^a Mutações Consonânticas);
- 'lei de Verner' (nas línguas germânicas, as quais abandonaram o acento dinâmico em favor do inicial, as fricativas surdas em contextos sonoros passam a sonoras, quando, em indo-europeu, não eram imediatamente precedidas por acento principal); conjuntamente com o conceito de
 - 'mudança gramatical' como alternância morfo-fonémica (não só /s ~ r/, mas também /f ~ b/, /d ~ t/ e /h ~ g/), que gera pares de palavras com significados lexicais diferentes, ocasionando diversas e profundas complicações morfológicas e lexicais, com especial incidência na conjugação dos verbos fortes, p. ex.: verbo *schneiden*, *schnitt*, *geschnitten*, mas cf. nomes *Schnitt* "corte", *Schneide* "fio", *Schneise* "atalho".

O estudo diacrónico e o sincrónico constituem os dois prismas através dos quais podemos compreender, na sua globalidade, a existência de uma língua. A transmissão de conhecimentos teóricos e o trabalho prático-metodológico em Linguística Histórica não só não traumatizam os estudantes, como permitem atingir óptimos resultados (e eu falo por experiência própria).

É preciso dar atenção a estas duas perspectivas no ensino da Linguística, inter-relacionando-as nas diversas sub-áreas do conhecimento: fonética/fonologia/grafemática, morfologia, lexicologia/semântica e também sintaxe (p. ex. Gramática de Valências numa perspectiva contrastiva entre o alemão medieval - "médio-alto-alemão" - e o moderno - "novo-alto-alemão").

Os exemplos supra mencionados refutam uma outra falácia que ainda se ouve com alguma frequência (embora se encontre numa posição intermédia e já não de rejeição absoluta): de que a linguística histórica será, seria útil ou pertinente apenas para futuros investigadores e especialistas e, portanto, não devia ou, pelo menos, não precisaria de ser leccionada numa licenciatura em ensino, muito menos de línguas modernas!

Esta afirmação tem várias implicações (com alguma gravidade), que merecem também vários reparos:

1.^o sendo as cadeiras de Linguística Alemã (Inglesa ou outra) comuns aos diferentes ramos das licenciaturas, a exclusão da perspectiva diacrónica prejudicaria gravemente os ditos futuros investigadores, retirando-lhes formação de base e diminuindo as suas alternativas, as suas opções relativamente à sua actividade futura;

2.^o inevitável seria também a descida do nível científico dos futuros professores através de uma formação incompleta, provocando, assim, deficiências que depois se manifestariam - e se manifestam - perante "indiscrições" de alguns alunos mais curiosos e com maior sensibilidade para questões linguísticas;

3.^o mesmo em licenciaturas em ensino, a História da Língua é indispensável: o estudante de linguística - futuro professor - deverá desenvolver capacidades de análise e explicação da mudança linguística (por outras palavras: deverá ter

consciência dela, saber identificá-la e analisá-la), reconhecendo o papel da visão diacrónica para a compreensão dos fenómenos linguísticos actuais.

Para além dos exemplos já referidos, há, no caso específico da língua alemã, inúmeras manifestações nas quais a visão diacrónica é de uma especial relevância e utilidade, funcionando de maneira articulada com a dialectologia: ou servindo-se da dialectologia moderna (extrapolando para estados anteriores), ou contribuindo para a explicação dos fenómenos por ela estudados, para além de nos proporcionar uma visão global, panorâmica, da estrutura diatópica alemã (como diassistema). Falo, concretamente, da grande variação diatópica que se verifica no espaço linguístico alemão – e vou mencionar alguns exemplos:

- os dois alofones complementares [ç] e [x] (respectivamente, palatal e velar) da fricativa velar surda /x/, que não ocorrem nas sub-variedades alemânicas, as quais apresentam apenas uma realização velar, exactamente como ocorria em alemão medieval;

- os dois alofones livres [r] (resultante do rotacismo germânico-ocidental < /z/) e [ʀ] (de origem germânica-francónia) do fonema vibrante /R/; hoje tendencialmente uvular, ainda há poucos anos se considerava, para o sistema consonântico da língua alemã, apenas a existência do fonema /r/, já para não falar na norma de Theodor Siebs, que, estabelecida em 1898, durante decénios estipulou a realização apical, hoje fortemente regressiva em favor da uvular;

- as diferentes formas diminutivas: no norte {-ken}, no sul {-chen, -lein}, apresentando esta última forma igualmente sub-variantes regionais: sudoeste/alemânico {-le, -li} ≠ sudeste/bávaro {-erl, -el, -l}, cuja distribuição está estreitamente relacionada com a da “2.ª Mutaçãõ Consonântica” (entre outros fenómenos);

- a palatalizaçãõ da sibilante dorso-dental surda (/s/ > /ʃ/) em contexto pré-consonântico inicial (um fenómeno curiosamente semelhante ao português...).

A história da língua permite ao aprendente:

- 1.ª identificar valores fonético-fonológicos escondidos, dissimulados pela escrita do alemão moderno (que é, desde o séc. XVIII – sob a influência das Sociedades Linguísticas –, predominantemente etimológica e não fonética, contrariamente, p. ex., à escrita do alemão medieval), o que, por sua vez, nos vai permitir entrar no campo da relação entre Fonética/Fonologia e Grafemática e das questões relacionadas com a normalização, cuja relevância para o ensino nem sequer ousa comentar);

- 2.ª identificar e compreender a metafoia (como fenómeno de assimilação regressiva), tantas vezes sobreposta à apofonia;

- 3.ª compreender, identificar e realizar a oposição entre vogais breves e longas (um dos grandes obstáculos para falantes de línguas românicas que aprendem, p. ex., inglês e/ou alemão), oposição essa resultante do fenómeno germânico-ocidental da gemação de consoantes (em contexto pós-vocálico);

4.º acompanhar o processo evolutivo na génese:

– da fricativa glotal surda /h/: < /x/ < /k/ (uma das manifestações da “1.ª Mutaç o Conson ntica”),

– da nasal velar /ŋ/, proveniente da fonemizaç o de um alofone complementar (em contexto pr -velar) da nasal dental /n/, ocorrida na transição do alemão medieval para o moderno.

Disse, ao princípio, que também havia factores endógenos.   inegável que parte da responsabilidade pela atitude de rejeição perante a Linguística Histórica reside em nós próprios, docentes. Mas a experiência (e falo não apenas por mim) mostra que a História da Língua – como, aliás, qualquer outra disciplina – não tem de ser meramente uma transmissão de informações “abstractas” (embora isso, por vezes, seja inevitável). Especialmente no que respeita ao trabalho prático, pode e deve ser visualizada, tornada audível e palpável, sensorial, retirando-lhe aquela aura de temor e uma certa desconfiança que eu referi no início e que contribuem fortemente para o círculo vicioso de rejeição da História da Língua.

Neste sentido, temos, hoje em dia,   nossa disposição meios muito mais vastos e eficazes do que a maioria pensar  e de que podemos fazer uso frequente:

- edições críticas de obras (em alemão...) de diversos períodos, acompanhadas, sempre que possível, por diferentes reproduções diplomáticas e facsimiladas;
- gravações (e há-as de boa ou mesmo óptima qualidade, em vinyl, cassette ou CD, e também já em CD-ROM/multim dia) ;
- declamação/dramatização, pelos alunos, de textos literários antigos;
- textos de carácter utilitário ou “científico” (isto é, não literário);
- reproduções de iluminuras;
- interacção com a História (de Arte) / Arqueologia / Sociologia.

É preciso que os nossos alunos aprendam a gostar da história da língua (seja ela alemã, inglesa, francesa, portuguesa...), se apercebam da evolução da língua, saibam apreciar a beleza de um manuscrito, de uma iluminura, aprendam a comparar tipos e sistemas de escrita, a ler e interpretar textos mais ou menos antigos (recorrendo, claro está, aos meios de ajuda disponíveis).

Como é evidente, o apoio material da literatura é absolutamente imprescindível, incluindo estudos comparativos e/ou contrastivos entre períodos/literaturas diferentes – e lembro que a Idade Média (especialmente, a Alta Idade Média), pelas suas fortes tendências supra-regionais e supra-nacionais, se presta sobremaneira a este tipo de trabalho.³ Com a necessária – e devida – orientação da nossa parte, podemos contribuir decisivamente para o desenvolvimento e o apuramento, nos nossos alunos, do chamado “Sprachgef hl”, da sensibilidade e intuição para as questões (histórico-) linguísticas, da capacidade de sentir a Língua, a sua evolução, o seu funcionamento, como um fen meno que não é estanque nem imutável, mas que é fundamental, essencial, na e para a existência do ser humano.

Esbater-se- o, gradual e progressivamente, medos e preconceitos (o que   visível no facto de, p. ex., as minhas classificações tenderem a ser ligeiramente

superiores às da avaliação exclusivamente sincrónica e de os alunos procurarem, junto de mim ou em trabalho autónomo, mais informação sobre a História da Língua), de modo que a autores (e autoras, porque as mulheres tão cedo não voltarão a desempenhar um papel de tanto relevo na língua e na cultura alemã) como o flamengo Hendrik van Veldeke, o alamanco Hartmann von Aue, o bávaro Wolfram von Eschenbach, o alsaciano Gottfried von Straßburg, a renana Hildegard von Bingen e o provavelmente austríaco Walther von der Vogelweide... – génios da língua alemã, que com eles atingiu o seu primeiro grande apogeu – seja dada a devida, porque merecida, atenção.

Aprender linguística histórica (alemã ou outra) tem de ser mais do que só fazer traduções, memorizar processos evolutivos (quantas vezes sem os compreender, e as causas são bem conhecidas).

Aprender – e ensinar – História da Língua é tentar (re)viver, recriar (na medida do possível) um período da história de uma comunidade linguística, o que, no caso da Idade Média – e mais uma vez saliento a Alta Idade Média – implica uma mundivisão fascinante, fascínio esse ainda hoje por explorar totalmente, mas a que os alunos mais cedo ou mais tarde se rendem.

É, finalmente, facultar aos nossos alunos – sejam eles futuros investigadores, professores de linguística ou de língua – um mínimo de conhecimentos teóricos e práticos, em suma, instrumentos de trabalho próprios de uma formação universitária digna desse nome.

NOTAS

- ¹ Isto levanta diversas questões acerca da maior ou menor “dificuldade” de uma língua relativamente a outra (ou outras), mas que, pela sua relevância científico-pedagógica, não cabem neste artigo. Foram por mim abordadas (com especial atenção às línguas alemã e portuguesa) numa conferência proferida, a 16 de Abril de 1996, na Faculdade de Letras do Porto, por ocasião das I Jornadas de Cultura Alemã, organizadas pelo Instituto de Estudos Germanísticos.
- ² A colocação dos diacríticos nas palavras seguintes visa uma melhor percepção do fenómeno a explicar (acento dinâmico ≠ acento inicial).
- ³ Esta perspectiva tem sido estudada pelo meu colega John Greenfield (do Instituto de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras do Porto).

BIBLIOGRAFIA

- BAUGH, Albert / Thomas Cable. ³1978. *A History of the English Language*. London, Boston, Henley: Routledge & Kegan Paul.
- SCHMIDT, Wilhelm (Ed.). ⁷1996. *Geschichte der deutschen Sprache: ein Lehrbuch für das germanistische Studium*. Erarbeitet unter der Leitung von Helmut Langner. Stuttgart, Leipzig: Hirzel.
- SCHWEIKLE, Günther. 1986. *Germanisch-deutsche Sprachgeschichte im Überblick*. Stuttgart: Metzler.
- WELLS, Christopher J. 1990. *Deutsch: eine Sprachgeschichte bis 1945*. Aus dem Englischen von Rainhild Wells. Tübingen: Max Niemeyer. [Tradução do original em língua inglesa, publicado em 1985, pela Oxford University Press, com o título *German: A Linguistic History to 1945*]